



**Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Ciências Sociais**

**Gabriele Patricia Barra da Costa¹
Marilu Márcia Campelo²**

**Sacudindo os Oris:
Umbanda, Experiências, Significados e Transformações Sociais**

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre como a religião de umbanda foi forjada em um contexto de intensas transformações sociais na sociedade brasileira e como, ao longo da história, tem ocupado um papel importante nos debates sobre identidade cultural no país. O texto dá espaço às experiências de pessoas que praticam ou pesquisam religiões de matriz africana, explorando as diferentes percepções em torno do uso do termo "umbranca", que gerou debates em uma rede social. O trabalho analisa algumas dessas interpretações sobre a Umbanda no contexto das mediações sociais tecnológicas, destacando outros significados que surgem nesse cenário de mediação digital e como a religião é compreendida na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: umbanda, cultura, transformações sociais; umbranca, redes sociais

Abstract: This article proposes a reflection on how the umbanda religion was forged in a context of intense social transformations within Brazilian society and how, throughout history, it has played an important role in debates about cultural identity in the country. The text explores the experiences of people who practice or research African-derived religions, exploring the different perceptions surrounding the use of the term "umbranca," which sparked debates on a social media platform. The work analyzes some of these interpretations of Umbanda in the context of technological social mediations, highlighting other meanings that emerge in this setting of digital mediation and how the religion is understood in contemporary society.

Keywords: umbanda, culture, social transformations, umbranca, social media;

¹ Discente do curso bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), praticante da religião de umbanda em Belém/PA;

² Orientadora da pesquisa, é doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará; Coordenadora do Grupo de Estudos Afro-Amazônicos (NEAB/UFPA), desde 2002. Possui experiência na área de Antropologia, com ênfase no estudo de populações afro-brasileiras. É afro-religiosa atuante.

Introdução

Esse artigo surge de uma inquietação cotidiana de ouvir o termo “umbranca” nas redes sociais e, eventualmente, em situações presenciais. Como sou praticante da religião de umbanda, esse assunto motivou meu interesse em pesquisar e aprofundar sobre os contextos em que esse termo é usado, como e por quais razões ele se aplica. E a partir dessa motivação, optei por fazer uma abordagem sobre algumas visões teóricas sobre o tema da umbanda e as mudanças culturais na sociedade brasileira e, principalmente, estender a compreensão sobre essas mudanças às práticas, especificamente, da religião de umbanda, a partir de contextos praticados por pessoas praticantes dos cultos de religiões de matriz africana e outras duas pesquisadoras desse campo.

Observando e pensando sobre esses contextos teóricos e práticos, escolhi dois pesquisadores da temática e algumas lideranças praticantes de religiões de matriz africana de casas tradicionais do município de Belém (umbanda, candomblé e mina), para trazer reflexões sobre o termo “umbranca” dentro dessa realidade social. Em função do tempo e das condições de abordagem desse artigo, foram convidados: o sacerdote Pai Fernando de Ogum; a zeladora espiritual de umbanda, Marly Ferreira Costa, e a sacerdotisa/Yalorixá, Mãe Jane de Nanã. E os pesquisadores foram escolhidos, considerando a formação e/ou suas contribuições científicas no campo da cultura e das religiões de matriz africana. Para isso, foram convidados: o Professor Doutor em Ciências Sociais, João Simões Cardoso Filho, e a Doutoranda em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará, Polyana Almeida Frota Lima.

Contextualização: Umbanda, Sociedade Brasileira e Ciência

Após a delimitação do campo desse debate com escolhas de personagens dessa conversa, considero importante delimitar a construção histórica da umbanda, aproximando as contribuições teóricas e debates sobre a formação desse culto dentro da história de formação da sociedade brasileira. Não há a mínima pretensão de uma historiografia social da umbanda, mas situar a provocação do termo “umbranca” dentro desses cenários de pessoas que se identificam com a umbanda e/ou identificam na umbanda as matrizes africanas, seja nas práticas do culto ou nos estudos e reflexões realizados sobre o tema.

É importante iniciar esse debate abordando um pouco do contexto da umbanda na formação do povo brasileiro que é um assunto tratado pelas várias áreas do conhecimento, vários setores da sociedade, e por cidadãos das diferentes regiões do país e suas práticas culturais. Essa diversidade nos endereça às várias contribuições de expressões culturais, religiosas e de modos de vida, que tiveram incidências internas e externas na formação do povo brasileiro, fruto de deslocamentos de grupos sociais e culturais para os territórios, as migrações forçadas, como no caso de negros e negras vindos de África, de europeus e orientais refugiados de guerras, de crises

econômicas, étnicas, religiosas, entre outros que deram suas contribuições nas mudanças culturais que fizeram emergir uma nova religião no Brasil: a umbanda.

A umbanda na formação da sociedade brasileira

No contexto brasileiro, alguns estudos tinham afinidade com as teorias racistas, como é o caso do médico baiano Raymundo Nina Rodrigues. Em "Os africanos no Brasil" (Nina Rodrigues, 2010) é apresentada uma perspectiva de leitura dos impactos da presença negra na cultura, na economia, na política e na sociedade brasileira. O baiano Raymundo Nina Rodrigues levanta algumas teses:

A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo (Nina Rodrigues, 2020: 14-15).

Abstraindo, pois, da condição de escravos em que os Negros foram introduzidos no Brasil, e apreciando as suas qualidades de colonos como faríamos com os de qualquer outra procedência; extremando as especulações teóricas sobre o futuro e o destino das raças humanas, do exame concreto das consequências imediatas das suas desigualdades atuais para o desenvolvimento do nosso país, consideramos a supremacia imediata ou mediata da Raça Negra nociva à nossa nacionalidade, prejudicial em todo o caso a sua influência não sofreada aos progressos e à cultura do nosso povo. (Nina Rodrigues, 2010: 15).

Os trechos acima referidos são base da posição, do ponto de vista de Raymundo Nina Rodrigues, justificando o subdesenvolvimento, as desigualdades do Brasil em relação a outras economias mundiais, pela presença marcante dos negros escravizados, e atribuindo aos mesmos a inferioridade do Brasil como nação e como um povo se comaprado com outras nações americanas. Como esse autor dizia, a raça negra era nociva e prejudicial à nacionalidade, responsável pelo não progresso do país. O autor estava no campo dos estudos das Ciências Sociais estruturalista em que reduz o pensamento sobre cultura entre desenvolvidos e bárbaros, uma perspectiva reducionista da cultura, anulando as dinâmicas dialéticas de conflitos e convergências que os processos de mestiçagem movimentavam no interior do Brasil.

Em se tratando dessa reflexão do autor ao que toca o tema do trabalho sobre as divergentes e convergentes perspectivas da compreensão das culturas de matriz africana na formação da umbanda como uma expressão da brasilidade, a autora Maria Isaura Pereira de Queiroz (1989) cita como esse intelectual percebia a prática do candomblé na Bahia como uma espécie de desajuste biológico e psicológico dos indivíduos praticantes dessa religião, e atribuía a eles a estagnação socioeconômica e cultural do país:

(...) Segundo ele, os atrasos e os desequilíbrios da sociedade brasileira, fenômenos sociais, provinham das misturas raciais, - bases biológicas, - e culturais encontradas no país. Raymundo Nina Rodrigues, definiu pela primeira vez um sincretismo religioso no país ao estudar os candomblés baianos – nome genérico dado aos variados cultos afro-brasileiros que então existiam. Segundo ele, o fator biológico era o principal responsável pelas anomalias nacionais: reações políticas descomedidas e irrefletidas no momento da transição do Império para a República (1889); conflitos de religiões; doenças variadas e graves problemas de higiene. Todo o desajuste socioeconômico se explicaria pela heterogeneidade biológica e cultural do país, levando os habitantes até mesmo à loucura individual e coletiva. (Queiroz, 1989:30 p.)³

Por outro lado, nesse mesmo período, havia outros intelectuais que apresentavam teorias no campo da sociologia, etnografia e da psicologia social, por exemplo, que destacavam a heterogeneidade das formas de contribuições culturais como algo positivo para o desenvolvimento social e econômico do país. Nessa linha de pensamento, crescia no sudeste brasileiro um movimento (Semana de Arte Moderna) formado por intelectuais que impulsionavam uma teoria, que considerava essa diversidade de expressões e etnias um diferencial para a construção de uma ideia de identidade nacional e cultural do Brasil.

A partir da semana de Arte Moderna, em 1922, houve um marco histórico que colocou em evidência os pensadores Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que definiam um conceito de brasilidade, a partir da originalidade, diversidade e riqueza cultural. As teorias da Antropofagia de Oswald e o romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, expressam o pensamento dominante dessa teoria:

(...) se contrapondo às idéias dos predecessores. Mário de Andrade (1893-1945) define a *brasilidade* principalmente em *Macunaíma*, seu herói que reúne ao mesmo tempo as qualidades africanas, aborígenes, européias, todas semelhantes em valor. Demonstra que a originalidade e a riqueza da cultura brasileira provém justamente da multiplicidade de suas raízes. A mistura profunda de elementos heterogêneos, em lugar de nociva e perigosa, por ele é vista como um fator importante para que o patrimônio cultural atinja elevado grau de excelência. O escritor e ensaísta Oswald de Andrade (1890-1954), por sua vez, forjando a teoria da *antropofagia*, explica como se opera a fusão dos elementos culturais díspares: o Brasil, culturalmente, devora civilizações que a ele vêm ter, compondo uma nova totalidade diferente das anteriores. (Queiroz, 1989 : p.34)⁴

No início do século XX, o pensamento social avançou sobre os conceitos de identidade cultural, como forma de expressar uma identidade nacional da sociedade brasileira. Nesse contexto, e sob essa outra perspectiva de sociedade/brasilidade, que confrontava as teorias

³ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1 (1): 29-46, 1.sem. 1989.

⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1 (1): 29-46, 1.sem. 1989.

antecessoras, iniciam-se os avanços das pesquisas sobre o folclore, as várias etnias indígenas, as diversas manifestações do Nordeste, da Amazônia, e entre essas variadas formas de expressões da cultura brasileira, destaca-se os estudos sobre as religiões de povos tradicionais de matriz africana.

Umbanda e Sociedade brasileira

A ideia deste trabalho é lançar e analisar informações sobre as distintas visões sobre a umbanda, levando em conta algumas experiências sociais no contexto atual, inclusive de uma sociedade pós-industrial e informacional. Afinal, a umbanda, nesse sentido, é um modo das pessoas viverem em grupos sociais, em sociedade, estabelecerem interações, comunicações, mas o contexto atual é das sociedades globalizadas, e urbano onde a umbanda mais se desenvolveu. Portanto, a perspectiva não é entender a umbanda como religião isolada e como ela se diferencia, mas como fenômeno social que se integra com várias culturas, experiências territoriais, tradições de práticas espirituais até chegarmos no contexto que surge o termo **umbranca**.

A onda de imigração estrangeira que se avolumara nos últimos anos do século XIX, persistiu durante as primeiras décadas do século XX; (...) Assim, não apenas a europeização cultural ameaçava a antiga civilização originada no período colonial (...). Tais circunstâncias foram concomitantes com o aparecimento da umbanda e com a nova teoria interpretativa da brasilidade, constituindo sem dúvida fatores que pelo menos favoreceram o seu aparecimento.⁵ (Queiroz, 1989:30 p.38)

Há também correntes culturalistas sobre a mestiçagem que romantizam a estrutura escravocrata, camuflando o sentido de uma realidade de racismo estrutural. É no século XX que Gilberto Freyre lança sua obra *Casa Grande e Senzala* (1933)⁶ despejando sobre a sociedade e a academia brasileira mais uma interpretação cheia de olhares romantizados sobre negros e negras na formação do povo brasileiro. Ele lança uma tese que reforça a miscigenação como um traço dominante da cultura brasileira, porém ele defende sob visão romantizada da cultura o conceito da democracia racial, sustentado em sua obra principalmente pela ideia da família patriarcal que enfatizava a submissão social e de gênero, principalmente das mulheres negras em relação aos homens brancos.

A ideia de uma democracia racial, se afirma sob uma sociabilidade pacífica na sociedade escravocrata, e esconde, apaga as histórias de sexualização que envolvem relações de gênero e raça entre portugueses, populações africanas e nativas, e essa ideia exclui uma história de

⁵ Idem

⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

violências e racismo que estavam na base da formação da sociedade brasileira patriarcal. A vida no engenho, no percurso entre a Casa Grande e a Senzala, traça um jogo de uma narrativa que coloca pra debaixo do tapete as formas de sociabilidade que ocorriam nesses lugares de exposição de corpos, sobretudo de mulheres, violentados nas suas constituições físicas e psíquicas, quando e onde aconteciam estupros dessas mulheres, que eram romantizados e naturalizados por essa visão social reacionária de Freyre.

Umbanda e Identidade nacional

Desde o século XIX e início do século XX as teses e estudos sobre os cultos de povos de matrizes africanas e povos originários passam a ser cada vez mais frequentes do ponto de vista científico e expandidos entre praticantes no território brasileiro. Apesar de estar em evidência, os adeptos desses cultos sofriam represálias da sociedade, do Estado e da igreja católica. A umbanda acolhia parte da doutrina kardecista, dos cultos de matriz africana e outras manifestações nativas, e isso refletia no incômodo em relação à crença hegemônica: o catolicismo. Como cita Patrícia Birman (1983):

São pois duas lógicas muito distintas. Em nome da cruz, o catolicismo expulsa os demônios. Em nome da caridade e da ajuda que os espíritos diversos podem oferecer aos homens, a umbanda acata, no corpo dos seus médiuns, várias entidades espirituais. O umbandista, como fiel de um dos cultos de possessão, é atacado pelas igrejas cristãs por uma série de razões. Todas são, contudo, instrumentalizadas por aquela visão dicotômica entre o Bem e o Mal. (Birman, 1983: p.16-17)⁷

Na década de 30 as cidades brasileiras onde mais se expandiu o culto da umbanda, Rio de Janeiro e São Paulo, vivem o contexto social com mudanças no modelo de desenvolvimento econômico urbano de metrópoles industriais, o desenvolvimento dos transportes e das comunicações. A crise do modelo agrícola, as primeiras indústrias e todo sistema com os negros marginalizados pós-abolição e a intensa migração de europeus, criando uma massa de populações pobres nesses grandes centros. Eram brancos, negros, classe pobre urbana, os novo proletariado, kardecistas, que compõem os cenários onde se realizavam os cultos da umbanda. E após a década seguinte até os anos 50, à medida que a umbanda foi se popularizando no território brasileiro houve também um crescente interesse de estudiosos sobre esse objeto de pesquisa, o que resultou em contribuições diversas no campo científico. E no caso específico da região amazônica essas contribuições levavam em consideração as realidades sociais de povos tradicionais e outros tipos de colonização estabelecidos a partir das relações com os colonizadores. No entanto, ao mesmo

⁷ BIRMAN, Patrícia. O que é umbanda. Ed. Brasiliense s.a., São Paulo, 1983.

tempo que existia a compreensão dessas especificidades regionais, também existia o reconhecimento da umbanda como um fenômeno social nacional.

Estudos Culturais, Umbanda e Transformações Sociais na Amazônia

Nesse sentido de compreender como a umbanda vai se transformando nos vários contextos temporais e espaciais, históricos da sociedade brasileira, vale destacar o estudo de Pasquale Di Paolo em seu livro *Umbanda e Integração Social – uma investigação sociológica na Amazônia* (1979)⁸. Nesse estudo o autor lança uma perspectiva teórica e metodológica sobre a umbanda partindo do princípio que a umbanda era um movimento sociocultural e religioso, resultante da síntese afro-euro-ameríndia, substituindo a ideia de um sincretismo religioso. A investigação de Pasquale Di Paolo mergulha no universo das práticas da umbanda, especificamente na cidade de Belém, a fim de entender como a prática funcionava como fator de integração social e definidora de identidades sociais e culturais regionais:

Em Belém, como em todo Brasil, a umbanda se apresenta hoje como uma ‘grande religião’ (22), cuja explosão de um lado é um movimento vivo à liberdade humana pelo testemunho de resistência há quatro séculos de perseguições, e de outro lado é uma busca de integração que parte da base. (Di Paolo, 1979:10)

Partindo da tese do autor, que se afasta das primeiras análises dos culturalistas, ele afirma que existe uma coexistência e não uma polarização entre culturas, e a umbanda encarna o sentido de cultura brasileira, tendo várias fontes de formação além da própria África como inspiração do culto sagrado. E a pesquisa desse autor busca entender esses processos de integração social e simultânea junção de religiões e culturas distintas que trabalham para uma síntese nacional.

Em sintonia com esse pensamento científico, Renato Ortiz, na obra *A morte branca do feiticeiro negro - umbanda e sociedade brasileira* (1991), o autor propõe um olhar sobre a umbanda, numa conexão com o contexto de globalização da economia e da cultura. Ele destaca os contextos em que a ideia de reafrikanização volta com intensa produção na academia, a partir dos acontecimentos sociais e culturais que movimentaram a década de 70, como os processos de descolonização na África, os movimentos culturais americanos; e os estudos culturais colocam a África no centro de muitas questões. E a umbanda se reintegra nesse contexto, como um campo fértil dos debates sobre a integração do movimento afro-religioso na sociedade moderna brasileira, que não foge aos processos de globalização da cultura, sendo um produto de relações

⁸ PAOLO, Pasquale Di. *Umbanda e Integração Social – Uma investigação sociológica na Amazônia*, 1ª edição. Belém, UFPA: Boitempo, 1979.

sociais complexas e de situações socioeconômicas em que o local e o global criam rupturas e também se conectam, em que os valores tradicionais e os modernos estabelecem novos significados numa conjuntura de sociedade e resistem.

Umbanda e Umbranca: um debate sobre cultura na sociedade contemporânea

Até aqui foram apresentadas algumas reflexões de correntes das Ciências Sociais, de Teorias das Culturas na formação da sociedade brasileira, transformações e mudanças sociais. Mas esse trabalho está motivado por uma situação social contemporânea em que os sentidos de umbanda encontram outros lugares e personagens. Não se trata de autores renomados da academia, nem lideranças religiosas renomadas no campo social da cultura umbandista no Brasil. O que vem acontecendo nas redes sociais é um debate característico da internet, sem rigor de continuidade ou referencialidade teórica, com algum grau performático das personagens dos discursos, mas que motivam engajamentos sociais ao modo virtual com curtidas, comentários e compartilhamentos. E esse contexto é um sintoma de uma nova conjuntura de ambientes de integração do tema umbanda na sociedade, de modo que o ambiente virtual cumpre algum papel para as relações sociais.

A seguir foram escolhidos alguns recortes desses contextos para trazer o debate virtual para dentro do trabalho, e a partir desse fato social provocar a extensão desse debate para a pesquisa de campo e motivar as visões também contemporâneas das personagens, visando caracterizar como a umbanda se atualiza como fenômeno social e cultural.

É necessário trazer para demarcar o conceito que move a pesquisa algumas fontes de redes sociais, que trazem para esse contexto de narrativas, os pontos de vista sobre uma possível caracterização do termo umbranca, como algumas publicações.

É importante sinalizar que as informações dos links a seguir (os “@” das personagens virtuais) assumem os lugares do debate motivador sobre o termo umbranca trazido para pesquisa, o que foi observado, principalmente, nas redes sociais - TikTok -. E há uma diversidade de amostras possíveis para ilustrar essa questão, como uma diversidade de gênero, de identidades sociais de cor - brancos, pardos, negros -. E assim como há indicadores numéricos desse tipo de comunicação, como publicações com uma variedade de curtidas e comentários, mas ao que nos interessa especificamente abordar com temas recorrentes que tocam o trabalho, eu observo temas que surgiram e convergem com essa pesquisa: sincretismos, racismo, colonialismo, embranquecimento, empretecimento, ancestralidade, africanismos, etc.

Para ilustrar esse debate nas redes sociais, foram descritas aqui quatro opiniões publicadas que abordam essas temáticas para demarcar o termo umbranca espelhado nesse espaço, que gerou

a inquietação necessária para desenvolver a pesquisa. As publicações do perfis são:

1. TikTok • KassiadOya

2553 gostos, 76 comentários, "Quem lembra da UMBRANCA?"

Isso aí que você acabou de ver pode ser chamado de tudo, menos de Umbanda. Isso daí, na verdade, é uma Umbranca. E essa tentativa de embranquecimento da Umbanda, ela vem acontecendo desde Zélio de Moraes, e claro, Saraceni ajudou bastante. A todo tempo tem uma nova tentativa de desafricanização, não só da Umbanda como de outras religiões afrodescendentes. Por que será?. O racismo velado e o racismo religioso precisa ser falado, sim. E exposto. (<https://vm.tiktok.com/ZMSvKarmr/>)

2. TikTok • Bruna Seli

146.6K, 1668 comentários, "Eita como amo nossa prima ✨UMBRANCA✨"

Coisas que eu não suporto na umbranca, ela mesmo a umbranca. Eita, que agora... agora o linchamento vem. Bruna, querida, meu anjo, o que significa umbranca?. Nada mais é do que alguns centros de Umbanda que tentam apagar a nossa ancestralidade, na tora. Você nunca viu não? aquele centro de Umbanda que parece uma igreja com o orixá. Parece um centro espírita só que quem atende é Exu e Pomba Gira. Nunca viu, não foi? Ah... pois existe. E quando eu vejo... ah quando eu vejo... Primeira coisa: instrumento que não tem nada a ver com desgraça nenhuma. Por exemplo, já vi em casa de umbranca o povo usando guitarra para tocar na gira [...] Quando não é isso vai uma desgra-, [...] usando bateria. Que é isso, gente, o povo vai da terra no meio da gira? O quê que tá acontecendo?. Segunda coisa: a gira ser em fila. [...] gente, o nome já diz: gira. O que que faz a gira? Ela gira. [...] aí, algum fio do cabrunco me inventou que a gira a seria em fila. [...] Aí fica um monte de gente enfileirado olhando pra frente do congá e a gira toda ali, você tem que marcar um quadrado para entidade descer. Um quadrado. Quem olha de fora, assim, quando a gente está dando passe, alguma coisa assim, fica igualzinho igreja. Idêntico, idêntico, colega. (cantando): A Umbanda, é paz e amor. Amém irmãos! (<https://vm.tiktok.com/ZMSvKSVrL/>)

3. TikTok • FabricioOliveiraRJ

6416 gostos, 278 comentários, "Será que eu frequento uma Umbranca?"

Como saber se o teu terreiro é uma umbanda preta ou uma "umbranca", como a galera fala por aí. Muita gente que me pergunta: *ah, mas pô, tô começando agora no terreiro, eu queria frequentar um terreiro.* E você fala muito sobre Umbanda que seja decolonial, uma Umbanda que seja desamarrada às ideias ocidentais. Como é que eu consigo identificar isso? Queria trazer para vocês, é... uma base para a gente bater um papo hoje muito rápido, vou tentar ser rápido nesse vídeo, que é esse livro aqui do professor Renato Ortiz, a

morte branca do feiticeiro negro, que eu, cara... esse livro aqui, ele merece uma sequência de diversos vídeos só para falar sobre esse livro aqui, porque esse livro aqui é incrível. Então, pra quem gosta de estudar sobre Umbanda dentro da perspectiva sociológica, antropológica, esse livro aqui ele é leitura obrigatória. Mas vamos lá, na página 93, desse livro aqui, na cabeça do capítulo, né? Capítulo chamado “a prática umbandista”, o professor Renato Ortiz ele cita o Cavalcante Bandeira, que o Cavalcante Bandeira, ele fala sobre quatro categorias de rituais dentro da Umbanda. Daria para você fazer como se fosse uma linha desde uma Umbanda que ela é africanizada até uma Umbanda que ela é mais influenciada por uma cultura ocidental. O Renato Ortiz, ele fala que ele não gosta de utilizar essa terminologia de Umbanda africanizada porque ele fala que a base de desenvolvimento da Umbanda não é uma base africanizada e eu concordo com isso. A base de desenvolvimento da Umbanda, inclusive os seus preconceitos, as suas contradições, ela é baseado dentro da cultura ocidental brasileira que nós vivemos aqui. Então ele costuma dizer sobre uma Umbanda que ela é pouco ocidentalizada até uma Umbanda que ela é muito ocidentalizada, mas podemos resumir isso: uma umbanda que ela é muito influenciada por características africanas ou africanistas até uma umbanda onde tentam fazer a retirada dessas características. É preciso lembrar também que a umbanda, no seu desenvolvimento, ela é criada através de uma de uma prática do alvo, onde você tem o empretecimento da prática branca e o embranquecimento da prática preta. Lembrando que esse empretecimento da prática branca não necessariamente significa você empretecer de forma valorosa, né, a prática espírita, kardecista. Cavalcante Bandeira, ele fala que a primeira categoria, que a gente pode dizer que a categoria é mais ocidentalizada, ou seja, que tem menos traços africanistas, é chamada de uma umbanda espiritualista. Então ele fala que: *o uniforme ele não é obrigatório, o canto e a música são raros, frequenta se raramente o mar e a cachoeira e não se aceita imagens e pontos riscados.* Você já foi algum tipo de terreiro onde você não tem é curimba, você não tem atabaque, você não tem nada, você não tem nem cantos?. Na verdade, você parece que tá muito numa casa espírita ali e tem lugar que se chama de umbanda e que se praticam dessa forma aqui, então ele chama de espiritualista. Perceba essa tua casa é assim. Uma segunda forma ele chama de ritualista. *Já a ritualista, o uniforme ele é obrigatório. As sessões são sempre acompanhadas de palmas e curimbas, praticam-se as obrigações indo no mar, na cachoeira e tudo mais. Aceitam sim imagens do congá, mas recusa-se os assentos de orixás,* que são os assentamentos, né? [...] *Uma terceira é a macumba ou então o terreiro ritmado. Esse terreiro ritmado, além das ritualísticas do último que eu falei para vocês, participam os instrumentos musicais de percussão - atabaque e tal - além do agogô ocasionalmente ou de modo permanente, e aceitam-se os assentamentos e mais preceitos africanistas também.* Aí você me disse a tua macumba, ela já é a mais ou menos. A maioria das macumbas são assim na umbanda aqui do Sudeste, né? *E o último que ele fala aqui é chamado de ritualista e ritmada, né? E ele fala da utilização permanente dos instrumentos musicais. As vestes podem ser coloridas apropriadas aos Santos.* Usa a terminologia santos você pode chamar orixás também. As características dos preceitos africanistas são claras e sua maioria tem terreiro preparado e assentamento de orixás, por vezes consagração dos atabaques. Como é que eu sei ali, se a minha macumba ela é mais africanista, se é uma macumba

branca, se é uma umbranca? [...] Esse tipo aqui de definição, ele pode ser aplicado. O Renato Ortiz, ele coloca algumas críticas, no sentido assim: beleza, a situação ela não é tão divididinha assim, né. Você não passa de uma escala para outra. Existem terreiros que tem uma coisa aqui numa ponta e tem coisas que tem na outra ponta da definição. E aí, esse autor aqui, o Bandeira, ele não faz esse parêntese aqui na análise dele. Ele coloca como essas coisas fossem bem divididas assim, e as coisas não são divididas. Fala pra mim aqui no comentário se você já tinha ouvido falar nessas quatro categorias aqui e me responde como é que é a tua macumba, se ela é ocidentalizada, se ela não é, e quais características tem [...] numa próxima oportunidade eu trago mais um vídeo falando sobre cultura macumbística e vamos falar um pouco mais sobre esse livro aqui, que esse livro aqui é sensacional. (<https://vm.tiktok.com/ZMSvK9shG/>)

4. TikTok • João Pedro 
889 gostos, 30 comentários, “FICA A LIÇÃO!”

Coisas sobre a umbanda que toda umbranca deveria saber. Oferendas, utilização de fumo, de bebidas de velas não é atraso. Atraso é o seu preconceito. Tudo isso se baseia na força da natureza. Nós louvamos a natureza, né?! Acho que esse pessoal que tá transformando a umbanda num grande culto de louvor, tá esquecendo que a umbanda é uma religião da natureza que não se muda a essência e a base de uma religião. Olha, você pode fazer o que você quiser realmente no teu terreiro, mas agora eu tenho escutado muito umbrancista, né, falando pra tirar oferenda, pra tirar o charutos, pra tirar as bebidas, pra tirar os cachimbos do caboclo, né, que preto velho é branco, enfim. Segundo, já puxando o gancho: preto velho não é branco. *‘ah, mas João, espírito não tem cor’.* Sim, ele não tem cor, ele pode vir em todas as cores, então porque não vir com o preto velho, né?. Porque se ele pode vir como preto, como branco, como indígena, como japonês, como asiático, enfim, e ele vem na linha de preto velho, porque ele não pode vir como preto velho, por que ele tem que vir como branco velho, se a linha chama preto velho. Entende a lógica? Não só isso, são espíritos que realmente viveram esse povo, não tem nada de cármico. [...] Agora você falar que o cara tem que se transformar no preto por causa de carma, é bem preconceituoso e racista, você não acha?. Atabaques não são mera conveniência, atabaque são elementos sonoros que usam a vibração do som e a polaridade magística espiritual do som para invocação, limpeza e troca energética, não é só conveniência. Outro ponto: destituir a umbanda de sua real cultura e de sua raiz não é a evolução, é apenas retroceder ainda mais a luta contra o colonialismo, porque isso é uma atitude colonialista e por fim ninguém é obrigado a fazer sincretismo. Se você quer fazer, faça, mas para de encher o saco do outro para ele fazer. Muito Axé. (<https://vm.tiktok.com/ZMSvKTmKH/>)

Características da “umbranca” segundo algumas opiniões publicadas nas redes sociais

Contextualizando os exemplos dos perfis acima, dois dos usuários do tiktok usam

referências de fontes de estudos sobre a umbanda para dar base às suas opiniões, como no caso do perfil da Kassia Oya. Ela fala sobre a formação da umbanda, a partir de sua “oficialização”, no período de Zélio de Moraes, fazendo crítica à tentativa de embranquecimento da umbanda, também usando como exemplo do Rubens Saraceni, médium e autor de obras que transitam entre a doutrina espírita e a umbanda. E no caso do perfil do Fabricio Oliveira RJ que de forma mais didática, apresenta autores como Renato Ortiz que cita Cavalcante Banchiera no livro “A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira” (1991), para sustentar sua opinião com algumas categorias que definem a umbanda a partir da prática dos cultos, avaliando maior ou menor proximidade com origens africanistas. Outros dois perfis, como da Bruna Seli e do João Pedro, emitem opiniões em vídeos sem obrigatoriamente citarem referências científicas ou outras referências para sustentar seus argumentos que fazem críticas à umbrança. Eles partem de observações sobre os cultos fazendo uma relação dos elementos dos rituais, como o uso de instrumentos de percussão, de movimentos, de vestimentas, de imagens, de ferramentas e simbologias, fazendo uma defesa de uma religião menos sincrética e mais “pura”, comparando a umbanda com cultos espíritas e católicos.

Importante destacar que em nos vídeos que movimentaram essa temática, as pessoas não se apresentaram como praticantes, estudiosos ou como pessoas com cargos hierárquicos dentro das comunidades de terreiro. É possível observar que o debate sobre umbanda e umbrança não se dá no campo prioritário das vivências com a espiritualidade. A ênfase do debate caracteriza o termo umbrança num campo de conflitos e integração social num campo onde essas relações acontecem e reforçam essas diferenças entre sincretismo e não-sincretismo, africanos e não-africanos, espiritualistas e africanistas. Portanto, o que define, a partir dessas opiniões, a umbrança, seria o embranquecimento no campo ideológico e nas práticas. As opiniões permaneceram sobre as diferenças entre culturas cristãs e não-cristãs e a formação da umbanda no Brasil, mas o formato e linguagem das publicações dos vídeos selecionados desses perfis usados neste trabalho apenas dão indícios, mas não aprofundam as questões do embranquecimento ou empretecimento na umbanda.

Horizontes do trabalho

Lembro que esse artigo se propõe a discussão e análise das diferentes perspectivas sobre a formação de olhares sobre a umbanda, a partir de referenciais teóricos e de uma abordagem de campo, apontando as práticas de personagens de terreiros em contextos urbanos, assim como de pesquisadores do campo cultural e científico que estudam a história das religiões de povos tradicionais de matriz africana (POTMAS). O trabalho se sustenta também numa apresentação de conteúdos visuais de etapas do processo de construção do artigo, a partir dos referenciais da

Antropologia Visual na observação direta e outras técnicas de apuração da informação. A motivação inicial do trabalho se define nesse modo como compreender o que é umbanda no contexto de uma sociedade que ao longo da história da formação cultural agregou elementos de vários povos, crenças e territórios, e no ambiente virtual contemporâneo assumem outros significados da umbanda no contexto da sociedade global e dinâmica.

Justificativa

A abordagem de campo apresenta uma amostragem dessas perspectivas da umbanda, a partir das visões dos sujeitos pesquisadores desse campo de estudo, e representantes de cultos de matrizes africanas no contexto urbano, seguindo recorte a partir da tradição de casas de matriz africana, visando criar um conjunto de temas sobre a religião que defina, a partir das práticas, identificações e contradições sobre essa cultura/religião de umbanda.

Eu sou formanda de Ciências Sociais, tendo ingressado na Universidade Pública por meio de cota de baixa renda, paraense, moradora do bairro do Tapanã, periferia de Belém, e médium voluntária umbandista em uma casa na cidade de Belém, uma casa de origem de caboclos, que teve origem nos anos 50, e até hoje realiza as práticas de umbanda, conforme as orientações de várias matrizes do culto no início do século XX: africana, kardecista e católica. E considero oportuno situar essa contribuição numa jornada de tantas outras, que desde o século XIX tratam dos cultos de matriz africana, que se intensificaram com a chegada dessas manifestações em outros territórios urbanos e rurais do país, criaram outras raízes na Amazônia, resistindo, atravessando gerações, culturas locais e regionais.

Os avanços das práticas umbandistas muito têm a ver com o desenvolvimento da industrialização e da urbanização nas cidades brasileiras. A presença das populações negras nos territórios, ocupando morros, cortiços, favelas, movimentando as áreas culturais e a forte adesão de populações urbanas ao culto kardecista no início do século XX geraram condições propícias para o fundamento da umbanda como religião.

Apesar da grande adesão que o culto tinha em diversas regiões, existia ainda assim um apagamento institucional dessa prática e de seus adeptos nas estatísticas oficiais do Estado brasileiro (IBGE). Para o Estado, os umbandistas eram categorizados como espíritas kardecistas, reforçando a invisibilidade de matrizes não-cristãs como aquelas que seguem os cultos afro-brasileiros.⁹

Os estudos culturais contemporâneos avançam para além do mapeamento da distribuição regional das tendas umbandistas, e apontam a necessidade de políticas públicas e combate às

⁹ ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999. O autor destaca que só a partir de 1966 a umbanda passa a ser considerada nas estatísticas do IBGE como uma religião (p.29).

desigualdades dos tratamentos dados às diversas práticas culturais e religiosas em territórios e grupos da sociedade brasileira.¹⁰ Entretanto, os recentes acontecimentos que abalaram a democracia brasileira demonstraram formas de manifestações de ódio, preconceito e intolerância, negando a diversidade social, negando tradições de populações negras que contribuíram para a formação do povo brasileiro, negando questões diversas, como gênero e sexualidade, e práticas religiosas, culturais, ideológicas, econômicas, científicas, como uma característica da cultura brasileira. Nesse cenário, é importante lembrar a necessidade da atualização dos debates, dos estudos sobre os cultos de matriz africana, que foram um dos que mais sofreram e ainda sofrem ataques no campo das ideias e das práticas, os impactos do racismo institucional.

Esse artigo, portanto, tem por finalidade revisitar esse campo cultural da umbanda, tendo em vista a análise das teorias e práticas sobre esse culto, mas num contexto onde existe um acirramento dos conflitos entre narrativas sobre bem ou mal, fato ou fake, superior ou inferior no ambiente da sociedade global informacional, etc. Desenvolver esse debate no contexto urbano é, sem dúvida, valorizar a presença da umbanda como uma cultura de resistência que considera as diversas contribuições de povos na formação de identidades culturais nas sociedades modernas industriais, globalizadas.

Nessa perspectiva, esse trabalho vai ser um veículo para essas questões, a partir do cotidiano de experiências de praticantes dos cultos de matriz africana, além das trocas com pesquisadores da área. E lanço a iniciativa de produção audiovisual que possa expressar esse debate sobre os encontros e desencontros em relação ao culto de umbanda, tendo em vista a produção e a mídia audiovisual como uma prática de reintegração e recolocação do debate social sobre a umbanda.

Metodologia

Após definir o tema, pautar referências teóricas sobre a umbanda, justificar o interesse social pelo tema e delimitar as pessoas para a pesquisa, foi necessário traçar um plano de execução de uma breve investigação de campo, considerando algumas situações. Para execução desse trabalho se faz necessário considerar o ponto de vista de algumas lideranças praticantes do culto e de pessoas que pesquisam sobre essa temática, partindo de um ponto comum de um questionário simplificado que norteou as conversas.

Nesse caso, escolhi como representação de um campo empírico três lideranças de diferentes vertentes e dois pesquisadores, para conversar sobre a formação da umbanda no nosso

¹⁰ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. et al. Nova Cartografia Social da Amazônia 3 – Afro-religiosos na cidade de Belém. PPGSCA-UFAM, FAPEAM – CNPQ, 2006. Esse documento apresenta um mapeamento das comunidades tradicionais de matriz africana em Belém e indica reivindicações de políticas por lideranças de casas de umbanda, mina e candomblé.

território, sem perder de vista a questão inicial sobre o instigante termo “*umbranca*”. E ainda foi realizada produção e construção de material audiovisual que contemple cenários, pessoas, práticas, narrativas, etc., que expressam esses encontros e desencontros acerca da formação da umbanda enquanto religião e cultura de diferentes matrizes.

Em outras palavras, tendendo a considerar a premissa de Pasquale di Paolo de que a umbanda é um fenômeno de forças sociais que divergem, mas que contribuem para uma organização e uma unidade, configurando o que o autor destaca como resultado de conexões, relações de solidariedade e fenômenos sociais, conceituando como integração social:

No uso sociológico comum, por integração entende-se o processo social que tende a harmonizar ou unificar diversas unidades antagônicas (indivíduos, grupos, agrupamentos, etc.) objetivando a formação de uma sociedade organizada. (Di Paolo, 1979:43)

Partindo do princípio de que integração social não exclui as diferenças, nem polariza as relações, trabalha com conceito de conexões e solidariedades sociais, essa abordagem motivou a escolha de abordagem das pessoas convidadas e convidados para essa conversa: o sacerdote Pai Fernando de Ogum, membro da federação espírita umbandista e dos cultos afro-brasileiros do estado do Pará (FEUCABEP) e zelador do Terreiro de Nagô Yemanjá, que está em atividade na cidade de Belém há 57 anos, situado no bairro da Pedreira, que atua também como Instituto Cultural Nagô Afro-brasileiro (ICNAB); a Sacerdotisa Mãe Jane de Nanã, da nação Jeje Savalu, 24 anos de iniciada no candomblé, iniciada com Pai Amilton de Logun-Edé, mas que atualmente pertence ao Hunkpame Abuke Xwe, no bairro da Cremação; a Zeladora espiritual Marly Ferreira Costa, da Casa de umbanda Tenda Miry Santo Expedido, que está em atividade há 72 anos, localizada no bairro da Campina e atua também como sociedade de caráter cultural e filantrópico; E os pesquisadores doutor João Simões e a doutoranda Polyana Almeida, ambos do campo das Ciências Sociais.

Aos convidados para essa abordagem é aplicado o questionário (tabela abaixo) com questões norteadoras da conversa, sem fixar enquadramentos prévios, regras de tempo ou espaço, apenas considerando as limitações da produção de baixo custo e de curta apresentação audiovisual e texto escrito.

Tabela 1

Questionário simplificado

1. Quem é você? (apresentação do/a entrevistado/a)
2. Qual e quando nasceu a sua relação com a umbanda / religião de matriz africana?
3. Qual a sua atuação com a umbanda/religião de matriz africana?
4. A partir da sua atuação, você identifica algum fundamento que relaciona a umbanda com grupos sociais e culturais? (em caso afirmativo a resposta da questão anterior, indique e justifique).
5. Você já ouviu falar no termo *umbranca*?
6. Livre expressão, considerações finais

De onde vem as falas

Definidas algumas perguntas norteadoras, foi considerado **o lugar de fala** de cada pessoa, valorizando as vivências e experiências com a temática, assim como alguns aspectos que compõem esses relatos, como os locais onde atuam, as memórias e os registros importantes de cada resposta e as imagens que essas narrativas são capazes de gerar como texto. A ideia foi deixar que as pessoas falassem, contassem os fatos da vida cotidiana integrados às práticas da umbanda e refletissem nesse contexto o neologismo “umbranca”.

É importante destacar o lugar de fala como uma posição social de onde estão localizadas as falas, e no caso deste artigo, a ideia é expor diferentes visões sobre um mesmo tema, mas entrevistando pessoas com distintas opiniões, compreensões, posições e realidades sociais, mas levando em conta que os entrevistados são pessoas que definem seus lugares de poder na sociedade e nessas histórias compartilhadas. Portanto, esse conceito “lugar de fala” é uma ferramenta metodológica para encontrar nas histórias dessas pessoas as suas diferentes visões e posições sociais sobre a formação da umbanda. De uma forma simples, colocar esse conceito na prática desse trabalho é concordar com o que diz Djamila Ribeiro (2017)¹¹ sobre o que é lugar de fala: “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. As histórias que são contadas nesse artigo embarcam nas viagens, memórias, relatos de vida das pessoas entrevistadas, dando vozes às suas experiências com a umbanda nos contextos da sociedade, que usa o ambiente virtual como um lugar de mediação social importante de valores, práticas, narrativas, comportamentos, significados.

¹¹ RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de Fala?. São Paulo: Ed. Letramento, 2017.
Djamila Ribeiro é filósofa, escritora, feminista. No livro *O que é lugar de fala?*, a autora discute a ideia de posições sociais que impactam nos enunciados, e não simplesmente o direito de quem fala na sociedade.

Umbanda, Modos de vida e Experiências Etnovisuais

Além dos textos orais e escritos, a umbanda é rica em simbologias, cores, movimentos, danças, elementos da natureza, adornos e tantos outros objetos que são extensões das histórias contadas, e proponho mostrar esses quadros de experiências, tanto para compartilhar as práticas de tradições populares de comunidades de terreiro, como para compor os relatos e análises dessa experiência. Nesse sentido, a ideia de produzir um produto audiovisual nasce para dar ênfase ao olhar sensível a essas histórias e os corpos que falam das suas experiências numa sociedade onde as imagens eletrônicas também dão significados aos olhares sobre as culturas.

E para ajudar a construção dessas histórias, desses encontros e desencontros, a relação entre a antropologia e imagens é o esforço de expressar modos de vida e relações sociais, sentimentos, formas de pertencimento ao debate sobre a umbanda. A ideia da produção de um vídeo é gerar imagens mais que meras ilustrações das falas, e criar uma relação de sustentação entre textos escritos, relatos orais e imagens em movimento como parte de um documento com extensão visual dessas vidas das personagens. Etienne Samain (1995), ao analisar as fotografias produzidas por Malinowski, afirma sobre esse jogo de relações entre imagem e antropologia, entre sociedade e visualidades: (...) Malinowski ordena com rigor suas pranchas dentro de seu texto, procurando uma simbiose máxima entre o que diz seu texto e o que sustenta visualmente o documento pictórico a que remete (...).¹²

Porém, mais que estabelecer uma relação direta entre falas e imagens e produzir um minidocumentário formal, a ideia do vídeo foi aproveitar ao máximo o tempo de conversa com entrevistados para mostrar cenários, expressões, ideias de força, sentimentos, criar identificações e mostrar conflitos entre essas visões com a preocupação prioritária de discutir um tema mais que provar uma verdade. Nesse caso, é um vídeo de baixo custo, com captação de imagens por telefone móvel, sem roteiro de montagem pré-definido, criando oportunidades de dar mais espaço possível para quem fala.

Sobre esse processo de produção audiovisual, menciono uma aproximação com o texto de Rose Hikiji (2013), que discute a referência do antropólogo e cineasta Jean Rouch, lembrando como ele se coloca e posiciona sua câmera como extensões da realidade e das experiências vividas, possibilitando uma identificação e aproximação corpórea entre as pessoas e seus corpos filmados e o cineasta. Essa posição produzia outras perspectivas dos indivíduos sobre seus corpos. Em outras palavras, é deixar que os corpos também falem, contem histórias de cara com a câmera, de cara com quem filma.

E para trazer uma referência brasileira sobre esse modo de pensar o audiovisual como

¹² SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Revista Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, p. 23-60. Porto Alegre, 1995

“uma ideia na cabeça, uma câmera na mão”, lembro o cineasta baiano Gláuber Rocha¹³, como líder de um movimento cultural, o cinema novo, que nas décadas de 60 e 70, tinha essa perspectiva de no pós segunda guerra, produzir no país novamente um modo de gerar imagens, de contar histórias com a preocupação de firmar uma identidade com assinatura sobre a sociedade filmada, tal como a umbanda, Gláuber estava na busca de um cinema novo com identidade brasileira. Mergulhar pelo interior do país com câmera na mão e uma ideia na cabeça, um cinema independente que Gláuber produziu as obras que mostram gente do folclore, do sertão, das realidades cruas sociais do país. O choque de realidade era a marca de Gláuber Rocha. A ideia do vídeo desse trabalho é criar imagens capazes de servir a uma sociedade que escondeu durante muito tempo os protagonistas da umbanda, ficar de cara com eles ao colocá-los direto com a câmera nos seus próprios cenários de suas vivências.

Após a contextualização histórica do tema, da delimitação de conceitos e a definição de personagens, foi construída uma agenda de entrevistas para execução da etapa seguinte que visava apresentar a análise dos relatos de experiências e buscar expor algumas reflexões propostas nesse artigo.

Análises de quadros de experiências na Umbanda: encontros e desencontros

O critério de escolha das personagens foi a relação social estabelecida entre elas e o campo sagrado da umbanda. São praticantes com cargos na hierarquia dos terreiros (sacerdotes e sacerdotisas), são pesquisadores do campo da Sociologia - Ciência Sociais e Antropologia - engajados nas comunidades de terreiro.

As entrevistas foram marcadas de acordo com as disponibilidades dos entrevistados e em lugares escolhidos pelos mesmos, seja em locais no tempo, como no caso da Mãe Jane de Nanã (Horto municipal) e da doutoranda Polyana Almeida (à beira do rio, na UFPA), na residência do professor João Simões, no bairro do Umarizal, e nos terreiros do sacerdote Fernando de Ogum, no bairro da Pedreira, e a zeladora espiritual do Terreiro da casa Tenda Miry Santo Expedito, no bairro da Cidade Velha. Assim, foi instalado um mini mapa cartográfico, territorial, social e cultural com indicadores diferenciados na cidade de Belém (Pedreira, Cremação, Umarizal, Cidade Velha, Guamá/Tucunduba). Isso é uma evidência de como a umbanda, assim como se espalhou no território brasileiro em todas as regiões, no município não é difícil encontrar e situar nas regiões periféricas uma religião brasileira e de matriz africana ter incidências, tanto em condições marginalizadas, como familiar, já que os terreiros são, para os praticantes, uma segunda casa ou a própria residência. As conversas com as personagens foram orientadas por

¹³ ANDRADE, Vitor. Entrevista com Linda Rubim sobre sua pesquisa de doutorado a partir da representação do feminino nas obras do cineasta Glauber Rocha. Ciência e cultura – agência de notícias em C&T. Salvador, 2011.

algumas perguntas, no entanto, não exclusivamente enquadrando respostas de maneira lineares, mas sim motivando as reflexões sobre as questões que interessam ao trabalho de pesquisa, como: umbanda e experiências sociais, subjetividades, questões sobre racismo e o debate tangencial das redes sobre o termo umbranca.

O tempo para as conversas não foi pré-determinado, embora tivesse a expectativa de ir a campo e não ultrapassar trinta (30) minutos para cada uma dessas conversas, aliás, expectativa essa que foi derrubada em seus próprios limites, pois as conversas variaram de trinta (30) a uma hora e trinta minutos (1h30), e essa fragmentação do tempo nas abordagens das conversas indicaram que o tema aponta caminhos, encontros e desencontros que seguem por várias relações objetivas, subjetivas e coletivas que exigem mais ou menos reflexões, a partir das formações de cada personagem e como se relacionam com a umbanda, direta ou indiretamente, mais ou menos tempo cronológico, mais ou menos frequência comunitária e espiritual, entre outros fatores. Nesse sentido, foi possível observar um quadro diverso de experiências e perspectivas e pontos de vista sobre o tema umbranca.

Reflexões e Análises

Após uma contextualização histórica dos processos sociais, culturais e científicos que consolidaram a umbanda como uma expressão da cultura de matriz africana no país, e após a abordagem dessas perspectivas, a partir de experiências práticas de pessoas (pesquisadores e sacerdote e sacerdotisas) em comunidades de povos de terreiro, foi possível chegar em um momento crucial deste trabalho. Observar como é construído um espaço de integração social das experiências de vida dessas pessoas, no momento em que um termo discutido nas redes sociais, o termo umbranca, passa a ser um fio condutor comum.

Aqui, o percurso chega ao ponto de voltar ao problema deste trabalho, quando foi proposto observar e descrever contextos de convergências e divergências, encontros e desencontros de olhares, pontos de vista, e formas de engajamento social, interações e diálogos, mergulhando num jogo sobre a questão dos participantes da pesquisa se perceberem como parte do meio social de umbanda, sendo desafiados a participar de um debate que vem se tornando comum nas redes sociais sobre o termo umbranca.

O desafio foi entender historicamente como a umbanda foi articulando meios de sociabilidade na sociedade brasileira, mesmo sendo uma cultura formada em contextos de marginalização social, territorial, racial e cultural. E o trabalho colocou o desafio de mais uma vez a umbanda, uma forma histórica de expressão da religiosidade e da cultura, trazer no seu percurso a umbranca como um termo que exige de seus adeptos os posicionamentos e participação a respeito de mudanças, que a religião passa e quais as implicações sociais nos

grupos de umbanda que cada vez mais crescem no país.

Por dentro das experiências

Após a construção do quadro das experiências dos entrevistados, é possível perceber um repertório de temas recorrentes que aparecem com maior incidência nas suas experiências de vida com umbanda. Os conteúdos que podemos organizar para leitura em pontos que simbolizam **os encontros** das narrativas sobre as experiências (objetivas e subjetivas) das personagens com a umbanda são:

- a) Formação familiar e ancestralidade (heranças individuais)
- b) Formação Espiritual (batismos, iniciações, cruzamento, rituais)
- c) Formação Coletiva e comunitária (comunidades de terreiro, centros de pesquisa)
- d) Formação Cultural (matrizes africanas, sincretismos povos originários e religiões cristãs)
- e) Tradição (hierarquias, ritualísticas)
- f) Umbranca (desconhecimento de termo e debate)

Como as falas organizam as experiências

Foi feita uma tentativa de analisar os aspectos de encontros e desencontros em relação a umbanda e as provocações sobre a umbranca. Para isso, as análises foram organizadas por blocos de personagens. O bloco dos praticantes e lideranças de terreiros de matriz africana e o outro bloco de pesquisadores de culturas de matriz africana. Isso por considerar que não seria coerente forçar comparações entre quem é praticamente nascido no ambiente dessas religiões e quem, no seu percurso de vida, participou de espaços e momentos socialmente construídos de experiência com essas religiões por meio da pesquisa.

Umbanda e diversidades: axé, tradições, ancestralidade e africanidades

A recorrência de temas em todas as entrevistas sinalizam que as experiências com a umbanda, sejam pela via da pesquisa (Polyana Almeida e João Simões) ou pela via da prática sacerdotal (Babalorixá Fernando de Ogum; Yalorixá Mãe Jane de Nanã e Zeladora Espiritual Marly de Oxóssi) indicam que a base familiar, o respeito aos antepassados e aos ancestrais, a menção às forças da natureza e povos africanos e originários se conectam com uma tradição de cultos religiosos e culturas populares.

As nações de trabalho e de pesquisa das personagens dessas entrevistas são diversas. Mãe Jane trabalha numa relação com matriz africana mais enraizada nas entidades africanas, sobretudo

das matrizes oriundas do tronco ocidental de África; Pai Fernando tem os trabalhos da sua casa enraizados nas tradições do Tambor de Mina, que além de agregar elementos da cultura Iorubá (Nagô e Jeje) do tronco africano que reúne o culto aos orixás e às entidades voduns, junta também a esse culto às tradições dos povos originários da região do Maranhão; a Zeladora espiritual Marly há 57 anos é membro da segunda geração de fundadores da Tenda de Umbanda de Santo Expedito, que trabalha as tradições da umbanda com cultos aos orixás de matriz africana, aos santos católicos e a base de formação kardecista. Nesse sentido, entre os dirigentes de terreiros temos praticantes de cultura com mais ou menos sincretismos, mas todas carregam na base das suas construções as matrizes africanas para as práticas nos trabalhos espirituais.

Os cenários de trabalho com as religiões das personagens são em casas com idades diferentes de funcionamento, o que de forma alguma, não confere ter mais ou menos axé. As bases familiares são fatores de construção das identidades sociais, enfatizados por Pai Fernando e por Mãe Jane que citam um percurso de batismo, de herança espiritual com fortes vínculos com pais e avós (paternos e maternos) até a chegada aos terreiros. As histórias não seguem percursos lineares, cada um e uma tem seus tempos de vivências com familiares e terreiros até a formação espiritual e o tempo de engajamento social nas casas que fixaram seus trabalhos permanecem até hoje como lideranças (sacerdotisa, zeladora e sacerdote) de suas comunidades. Esses percursos trazem os indicadores da tradição de cada uma dessas personagens e as casas em que construíram e continuam construindo as trajetórias culturais e espirituais, seguindo fundamentos, orientações dos mais velhos e trilhando a vida comunitária, portanto, participando das religiões com presença de culturas de matriz africana, de forma efetiva e socialmente orgânica e também com compromissos com as entidades das Casas e com gerações de médiuns e públicos atendidos nesses lugares, resguardando as devidas proporções das frequências e tamanhos de cada Ilê e das escolhas da formação/desenvolvimento espiritual ou agrupamentos sociais nos devidos territórios urbanos, sejam nas periferias, seja no centro histórico do município.

Umbanda e Ciência: crenças, sincretismos, gênero e engajamentos sociais

Os pesquisadores personagens dessas entrevistas para esse trabalho foram selecionados, seguindo uma paridade de gênero, e estando ambos no campo científico das Ciências Sociais/Antropologia. Mas é importante sinalizar que a doutoranda Polyana Almeida trabalha as questões relacionadas ao sagrado feminino, a Mariologia, nas religiões de umbanda agregando as experiências da religião na cultura Terecô/Tambor de Mata, uma vertente de Tambor numa região do Maranhão, que preserva as tradições do tronco Jeje-Nagô, agregando os cultos às entidades encantadas e a pajelança; e o pesquisador, doutor em Antropologia, João Simões, trabalha as questões relacionadas à umbanda no Pará, numa perspectiva histórica da formação das

organizações sociais federadas no estado, com ênfase nos estudos do festival de Iemanjá, uma representação social de um momento de manifestação da religião e das culturas que contemplam o culto aos Orixás, o Tambor de Mina e o Candomblé, partindo de uma hermenêutica da cultura, destacando as formas como as relações sociais se comportam, a partir de relações que a umbanda estabelece sem nunca abandonar as relações com a natureza. O pesquisador discute como se dão as escolhas de grupos sociais que a todo momento essas dinâmicas vão motivando as pessoas em sociedade a darem significados para as relações que estabelecem com o sagrado e com a natureza e se posicionarem e definindo os lugares dessas culturas religiosas como seus grupos na sociedade.

A formação dos pesquisadores de âmbito de uma matriz de cultura religiosa é de base católica e cristã. A doutoranda Polyana Almeida, é formada em pastorais católicas e professora desde sempre a fé na representação da Virgem Maria, inclusive se chocando na fase jovem e parte da vida adulta com a religião do pai, que era de matriz africana, e reforçando alguns estereótipos a respeito das religiões no campo dessa matriz; mas é importante fazer o destaque que essa via narrativa muda, quando a entrevistada, a partir da formação acadêmica traz o tema das religiões para dentro da sua perspectiva de estudos e caminha pela via da umbanda como um campo de atuação tanto social, como científico, e nesse percurso retoma vínculos paternos que haviam sido interrompidos parte de sua vida. Nesse momento, observa-se que as subjetividades e os novos desafios colocados pela sociedade, especialmente no engajamento em comunidades acadêmicas cria reflexões críticas sobre o fazer acadêmico, sobre as convicções religiosas, culturais e da formação individual/familiar/afetiva, fazendo com que a mesma transite por vários grupos sociais em que essas demandas vêm à tona. E a umbanda é esse fio que conduz em muitos aspectos a trajetória da pesquisadora, que não se declara praticante da umbanda, mas encontra na comunidade tradicional de terreiro o caminho para o trabalho de extensão acadêmica e integração social, lidando com o cotidiano da pesquisa e da academia e ao mesmo tempo com as vivências com os grupos de práticas sociais pela umbanda. Não se trata de uma observação participante, mas de um engajamento efetivo com acolhimento de mulheres, com comunicação do grupo, com formação de lideranças comunitárias.

E o pesquisador João Simões reconhece a sua formação católica a base da sua formação no campo da Filosofia, da Teologia, mas também o gatilho para reflexões sobre outras formas de cultuar o sagrado, chegando pela pesquisa acadêmica bem próximo em vias de acesso aos cultos de matriz africana por escolha durante a sua trajetória na graduação e pós-graduações. E a produção acadêmica não só leva a novos espaços de integração social como as instâncias de organização das associações e federação de umbanda no Pará, como em alguns territórios de práticas dos cultos sagrados seja por meio de eventos, o Festival de Iemanjá, como também por

meio de pesquisa em alguns terreiros, inclusive experimentando, e ele relata momentos em que destaca como uma experiência social surpreendente a participação de práticas espirituais em dias de trabalho em algumas Casas de matriz africana.

Ambos colocam a questão de gênero como uma centralidade na vida, nas perspectiva de vida e de trabalho, e sendo as comunidades um espaço de ações afirmativas de gênero, como das lutas sociais das mulheres de periferias no caso da pesquisa de Polyana Almeida, e das lutas sociais sobre aspectos de visibilidade/invisibilidade da população LGBTI+, pessoas pobres, entre outros apontadas pelo pesquisador João Simões. E a umbanda, os territórios dos terreiros, as comunidades se tornaram espaços de sociabilidade em que essas questões de gênero, que tocam as experiências acadêmicas e individuais dos pesquisadores, e essas demandas aparecem, gerando outros espaços de relações de estudo e de práticas de interesse comum.

Os conteúdos que se pode organizar para leitura em pontos que simbolizam **os desencontros** das narrativas sobre as experiências (objetivas e subjetivas) dos praticantes e pesquisadores com a umbanda são:

- a) Racismo e Intolerância Religiosa (lutas coletivas)
- b) Feminismos (Experiências comunitárias)
- c) Militâncias Negras (Embranquecimento e Empretecimento)
- d) Espiritualidade (Práticas rituais e devocionais)
- e) Umbranca

Visões sobre a umbranca: campo religioso, campo científico e campo das práticas

Os pontos de desencontros de pontos de vista são construídos a partir de práticas, de estudos e experiências com os cultos de cada pessoa nos seus territórios, nas suas comunidades, sejam elas científicas/pesquisa, religiosas e sociais.

A Mãe Jane de Nanã, dá fundamental espaço nos seus relatos sobre os temas do racismo, das lutas das mulheres negras, das lutas sociais dos povos de terreiro e as hierarquias dentro dessas comunidades, afirma cada vez mais uma ocupação desses espaços por pessoas brancas; Porém, ela considera que dentro das práticas, existem autoridades e hierarquias que os negros e negras construíram como lideranças precisam ser observadas de modo a perpetuar essas presenças nos cultos e nas comunidades. Enquanto do ponto de vista do Pai Fernando de Ogum, as lutas sociais contra os preconceitos e intolerância religiosa contra os POTMAs (povos tradicionais de matriz africana) é um tema presente na sociedade, embora dentro do cotidiano dos terreiros, o que predomina são as relações espirituais desenvolvidas naquela comunidade que fortalecem os terreiros como referência.

A partir da sua perspectiva mais científica, o professor João Simões destaca questões

históricas da formação sociocultural da sociedade brasileira que incidem na formação das religiões de matriz africana e analisa o debate do branqueamento x empobrecimento das práticas dos cultos nos terreiros têm motivado mais pesquisas em relação a esses conflitos. Porém, não considera que haja um branqueamento da religião, no sentido de que o avanço do número de pessoas brancas adeptas ao culto de umbanda, signifique uma posição hierarquicamente hegemônica dessas pessoas sobre pessoas negras. Ele considera que esse debate seja mais no campo dos atravessamentos dos sincretismos historicamente praticados pela umbanda, destacando que em alguns terreiros praticam mais sincretismos e outros menos. Ele também enfatiza que a luta contra o racismo ou qualquer outras lutas sociais, seja de gênero, classe, etc., repercute nas relações sociais nas comunidades de terreiro e, em relação a isso, posiciona-se de forma combativa.

Sobre a relação da umbanda e o trabalho comunitário dos praticantes, com destaque para as mulheres, a pesquisadora Polyana Almeida cita pautas históricas sobre embranquecimento das religiões de matriz africana no campo dos estudos culturais e das Ciências Sociais, mas destaca que na prática cotidiana das comunidades de terreiro e que atua, os enfrentamentos são em relação a todos os tipos de desigualdades, embora não seja uma questão demarcada uma ênfase como uma luta antirracista pelos praticantes. Ela dá ênfase às lutas das mulheres na comunidade por trabalho, renda, melhores condições de moradia, saneamento, saúde, etc. Nesse sentido, as questões de lutas de classes, das mulheres trabalhadoras e direitos sociais dessas comunidades se colocam como mais urgentes, do ponto de vista da pesquisadora.

A partir da zeladoria espiritual da Tenda Miry Santo Expedito, terreiro de Caboclo Guerreiro, a zeladora Marly Ferreira Costa, explica que percebe em outras gerações a umbanda vista com preconceito, mas atualmente acredita ser bem aceita devido expansão/aceitação/procura pelos trabalhos do terreiro, sem citar conflitos da ordem entre pessoas negras e brancas nessa comunidade de terreiro.

Considerações Finais

Ao observar as relações subjetivas e objetivas que formam as relações de cada entrevistado com as religiões de matriz africana, sobretudo, a umbanda, é possível observar que essa prática cultural atravessa ou é uma linha central de condução das vidas das personagens escolhidas para essa pesquisa. As origens das relações culturais e/ou sociais com as religiões têm pontos de partida nas formações familiares da maioria das personagens, que carregam a umbanda de berço, de suas ancestralidades, de experiências pessoais como indivíduos que passam a estabelecer relações em comunidade. Portanto, a cultura de matriz africana exerce um fator de integração social entre esses indivíduos e a umbanda, seja em se tornando lideranças religiosas

(yalorixá/sacerdotisa, babalorixá, zeladora) e/ou pesquisadores engajados nas práticas cotidianas das comunidades de terreiro. Esses lugares de onde saltam as experiências demonstram caminhos seguidos na formação das relações sociais em que a cultura de matriz africana assume um destaque como o fator de integração desses indivíduos, seja nas comunidades de terreiro ou acadêmico-científicas, e a umbanda se torna mais um lugar de onde eles e elas compreendem o mundo, a sociedade onde vivem, trabalham.

E as relações de cada um e cada uma nas trajetórias seguem caminhos diferentes, visões de mundo com algumas perspectivas comuns e outras desconhecidas, motivando posicionamentos em relação ao tema de pesquisa que é o tema da umbrança. O termo umbrança não é conhecido por eles, portanto, a partir de suas práticas não afirmam as posições nem conceituais e nem empíricas sobre esse termo. Mas nos seus campos de atuação assumem pontos de vista a respeito de temas como racismos, branqueamento, desigualdades sociais, violências de gênero, de sincretismos na cultura religiosa, de intolerância religiosa em relação às religiões de matriz africana, etc. Esses são temas que estão nas pautas do mundo globalizado com conflitos e desigualdades acirrados de toda ordem e estão na ponta da língua dos entrevistados, personagens dessa história aqui contada.

Os entrevistados não acompanham esses debates, relatos, comentários nas redes sociais e dizem nunca terem antes ouvido falar em umbrança. Mas pode-se observar que um rol de categorias podem caracterizar no campo das práticas e das pesquisas as relações dessas pessoas com as questões que polemizam na internet sem maiores contextualizações históricas.

Os ambientes digitais não aprofundam casos concretos ou estudos a respeito disso. Por ora, arrisco dizer que a umbanda produz interfaces de um fenômeno social e cultural que cada vez mais cresce e consolida adeptos e estudos, alimentando vida cotidiana e vida virtual, porque não dizer exercendo seu papel primordial de integrar pessoas na sociedade.

Renato Ortiz ajuda a compreender nesses cenários de experiências locais urbanas as interações com debates virtuais como uma dinâmica de uma sociedade globalizada. Nesse contexto, a umbrança seria um mecanismo de atualização, uma reintegração do debate da maior ou menor presença das contribuições e marcas da cultura africana na umbanda, exigindo posições dos praticantes e estudiosos sobre o tema na atual sociedade brasileira. Na introdução do seu livro mencionado nesse trabalho *A morte branca do feiticeiro negro - umbanda e sociedade brasileira* - o autor afirma que umbanda é uma síntese do pensamento religioso brasileiro, no qual elementos negros, brancos e indígenas e questões de classe integram o universo da cultura de matriz africana/religião, e vai mais adiante ao afirmar que a umbanda é resultado do embranquecimento da cultura negra e o empretecimento da ideologia kardecista.

Ao citar um outro autor, Ortiz (1991:47) fala de categorias apresentadas por Cavalcante

Bandeira, como: umbanda espiritualista; umbanda ritualista, umbanda ritmada e umbanda ritualista e ritmada. Essas categorias de certa forma racionalizam a prática da umbanda, a partir de presenças de mais ou menos elementos de culturas de matriz africana ou cristãs nos cultos da umbanda como uma religião brasileira. Esse é o debate nas redes sociais quando se trata do termo umbranca. Os usos nos cultos de mais ou menos imagens de santos, de mais ou menos instrumentos eletrônicos ou acústicos, percussivos, de mais ou menos roupas chamativas, estampadas ou vestes simples e brancas ou monocromáticas, de mais ou menos usos de bebidas nos trabalhos, de mais ou menos fundamentos da natureza nos cultos, e assim por diante. Por outro lado, também esses debates virtuais destacam algo que Ortiz já comentava na segunda metade do século passado sobre a presença dominante de brancos como adeptos dos cultos de umbanda, inclusive as lideranças brancas e de classe média presentes nos cultos de umbanda nos centros urbanos.

Então, é possível observar que os temas, como a umbranca, estão sendo colocados num novo sistema de mediação, as redes/mídias sociais, mas que remontam questões discutidas sobre a umbanda de um passado recente. Ao observar que a umbanda ainda é um sistema de cultura que coloca muitos elementos em oposição, mas estabelece variados pontos de contato entre praticantes e pesquisadores. Esses entrevistados ao se posicionarem sobre o termo umbranca estabelecem rupturas e esquecimentos de alguns valores e desigualdades, mas também reforçam a importância de outros valores da tradição como lugares da resistência de homens e mulheres, de comunidades, de segmentos, de bandeiras e ideologias.

Esse trabalho me ensina que umbanda não renega as suas heranças africanas e nem fica embranquecida como num simples jogo semântico, mas também ensina que a umbanda acolhe a presença da cultura do colonizador branco em vários aspectos ao longo da história. E a umbanda em sendo um campo modificado como um conjunto de práticas que são integradas a um sistema dinâmico da cultura num mundo cada vez mais globalizado, ela joga o jogo entre tradição e modernidade sem cometer o apagamento definitivo da África para a cultura religião brasileira e nem renunciar a história da escravidão e da presença branca nos seus movimentos. A umbanda se legitima nesse jogo. E a umbranca é mais um tema gatilho para essa inspiração dentro de um conjunto de valores em um outro sistema de interação, integração social, uma sociedade informacional e digital.

Arrisco dizer que o termo umbranca não é um novo marco zero na discussão sobre a questão dos negros ou brancos na umbanda ou da africanização ou desafricanização dos cultos ao sagrado simplesmente por estar um termo colocado numa esfera de mediação social virtual, tecnologicamente contemporânea, como as redes sociais. O que interessa é saber que a umbanda se coloca no jogo das integrações, como um sistema de cultura capaz de promover debate social

sobre questões importantes que estão mais necessárias do que nunca como o enfrentamento ao racismo e às desigualdades sociais.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. et al. Nova Cartografia Social da Amazônia 3 – Afro-religiosos na cidade de Belém. PPGSCA-UFAM, FAPEAM – CNPQ, 2006. Esse documento apresenta um mapeamento das comunidades tradicionais de matriz africana em Belém e indica reivindicações de políticas por lideranças de casas de umbanda, mina e candomblé.

BIRMAN, Patrícia. O que é umbanda. Ed. Brasiliense s.a., São Paulo, 1983.

Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963. In (<https://www.portalabel.org.br/images/pdfs/carta-pero-vaz.pdf>) em 12 de fevereiro de 2025.

DEUS, Zelia Amador de. Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros nas universidades. 2008. 295f. Tese (Doutorado em Antropologia) “PPGCS/UFPA, Universidade Federal do Pará, 2008.

DI PAOLO, Pasquale. Umbanda e Integração Social: Uma investigação sociológica na Amazônia, 1ª edição. Belém, UFPA: Boitempo, 1979.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

NINA RODRIGUES, Raymundo. Os africanos no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999. O autor destaca que só a partir de 1966 a umbanda passa a ser considerada nas estatísticas do IBGE como uma religião (p.29).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1 (1): 29-46, 1.sem. 1989.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de Fala?. São Paulo: Ed. Letramento, 2017.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Revista Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, p. 23-60. Porto Alegre, 1995

Outras referências:

PEDRO, João. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvKsPHB/>. Acesso em: 26 jul. 2025

BÀBÁ IFÁTIMILEHÌN. “A maldade que estão fazendo com aquela religião antiga, que chamava UMBANDA! É um verdadeiro crim³!” Postagem no TikTok, 1 920 gostos, 215 comentários. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvKgFcr/>. Acesso em: 26 jul. 2025

KASSIADOYA. Postagem no TikTok, 3 142 gostos, 110 comentários. TikTok, [data de publicação indeterminada]. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvKGpB3/>. Acesso em: 26 jul. 2025

KASSIADOYA. “Quem lembra da UMBRANCA?” Postagem no TikTok, 2 553 gostos,

76 comentários. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvKarmr/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SELI, Bruna. “*Eita como amo nossa prima ✨ UMBRANCA ✨*” Postagem no TikTok, 146,6 K gostos, 1 668 comentários. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvKSvL/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

OLIVEIRARJ, Fabricio. “*Será que eu frequento uma Umbranca?*”. Postagem no TikTok, 6 416 gostos, 278 comentários. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvK9shG/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

JOÃO PEDRO. “*FICA A LIÇÃO!*”. Postagem no TikTok, 889 gostos, 30 comentários. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSvKTmKH/>. Acesso em: 26 jul. 2025